
A PEDAGOGIA DE FREINET NO ENSINO DE GEOGRAFIA: A “AULA DE DESCOBERTAS” E O DESENVOLVIMENTO DA CONSCIÊNCIA SOCIOAMBIENTAL

FREINET'S PEDAGOGY IN THE TEACHING OF GEOGRAPHY: THE “DISCOVERY CLASS” AND THE DEVELOPMENT OF SOCIAL AND ENVIRONMENTAL AWARENESS

Susana Marilu Mainini Sakamoto¹
Adrieli Cristina Carnietto²
Lourenço Magnoni Junior³

RESUMO: O presente artigo propõe possibilidades de ensino em Geografia a educandos do sexto ano do Ensino Fundamental, a fim de que eles desempenhem um papel ativo no processo educacional, compreendam e observem de maneira crítica o seu entorno e as transformações que ocorrem no espaço geográfico. Na busca pela sensibilização do educando acerca das ações que se desenrolam no ambiente em que vive, foi utilizada a concepção didática-pedagógica de Célestin Freinet com a “aula-descoberta” ou “aulas-passeio”. O tema gerador foi a educação ambiental, e a sequência didática partiu de uma visita a uma fábrica de chapas de fibra de madeira. Esta atividade pretendeu sensibilizar os educandos sobre a importância da produção industrial estar integrada à sustentabilidade econômica, para que haja menor desperdício dos recursos naturais e uma maior preservação do meio ambiente.

Palavras-chave: Geografia. Aulas de descoberta. Métodos experimentais. Mediação docente. Consciência Socioambiental.

ABSTRACT: This article proposes possibilities of teaching in geography to students of the sixth grade of elementary school, so that they play an active role in the educational process, understand and critically observe their surroundings and the transformations that occur in

1 Graduada em Licenciatura plena em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) – Campus de Presidente Prudente - SP. Educadora da Escola Estadual Prof. José Aparecido Guedes de Azevedo, Bauru – SP. Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Docência para a educação básica da UNESP Campus de Bauru - SP. E-mail: mainini@prof.educacao.sp.gov.br.

2 Graduada em Licenciatura plena em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) – Campus de Ourinhos-SP. Educadora da EMEF Prof. Elda Moscogliato, Botucatu – SP. Mestranda no Programa de Pós-graduação em Docência para a educação básica da UNESP Campus de Bauru - SP. E-mail: carnietto.adrieli@gmail.com.

3 Graduado em Geografia. É docente do Programa de Pós-Graduação em Docência para a Educação Básica da UNESP Campus de Bauru - SP, da Faculdade de Tecnologia de Lins (Fatec) e das Escolas Técnicas Astor de Mattos Carvalho de Cabrália Paulista - SP e Rodrigues de Abres de Bauru - SP (Unidades de ensino do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza); membro do Conselho Municipal de Defesa do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável de Bauru (COMDEMA) e da Diretoria Executiva da Associação dos Geógrafos Brasileiros, Seção Bauru - SP; editor da Revista Ciência Geográfica (www.agbbauru.org.br). E-mail: lourenço.junior@fatec.sp.gov.br.

Artigo recebido em setembro de 2019 e aceito para publicação em março de 2020.

the geographical space. In the search for sensitization of the student about the actions that take place in the environment in which he/she lives, the didactic-pedagogical conception of Célestin Freinet with the “discovery class” or “walking classes” was used. The generating theme was the environmental education, and the didactic sequence came from a visit to a wood fiber sheet factory, which aimed to raise the awareness of students about the importance of industrial production being integrated with economic sustainability, so that there is less waste of natural resources and greater preservation of the environment.

Keywords: Geography. Discovery classes. Experimental methods. Teaching mediation. Socio-environmental Awareness.

A GEOGRAFIA ESCOLAR, VALORES E ATUAÇÃO DOCENTE.

O sistema capitalista, que permeia a sociedade atual, prima pelo individualismo e consumo exacerbado, fazendo com que as ações solidárias e coletivas sejam sufocadas pelo egoísmo e pela competição, como ressalta BARBOSA (2011, p. 56) “os valores e símbolos que justificam a acumulação, a exploração e a pobreza já estão edificados e naturalizados na sociedade capitalista”.

O ensino não contextualizado reforça os valores capitalistas, pois os educandos não articulam os conteúdos com a prática, e torna as disciplinas oferecidas pelas unidades escolares distantes do seu cotidiano. Além disso, nota-se o descaso em proporcionar aos educadores ambientes e condições adequadas, para que estes possam desempenhar ações que supram as necessidades no processo de ensino e aprendizagem da sociedade atual. Sabe-se que se o Estado pautar a sua governabilidade em atender as demandas da economia neoliberal, a aprendizagem só será importante para suprir as exigências do mercado de trabalho, implicando em um conhecimento não questionador, não reflexivo e não argumentativo.

Portanto, alguns valores capitalistas devem ser superados para que os indivíduos desenvolvam uma conscientização acerca da sociedade em que vivem, buscando desempenhar relações responsáveis. Por isso, é necessário desenvolver o pensamento geográfico reflexivo que possibilite a formação cidadã com a compreensão dos fenômenos na interação da sociedade com a natureza. Também, o debate sobre os problemas da realidade social e ambiental atual torna-se o cerne no processo educativo na Geografia escolar.

Dessa forma, como disciplina escolar, a Geografia tem por objetivo proporcionar a compreensão das relações existentes entre o cidadão e o mundo, e o desafio de explicar o mundo e a nossa relação com ele de forma articulada, visando superar a dicotomia entre Geografia física e Geografia humana de forma dialética, considerando as contradições e os contextos, pois explica o mundo a partir da conscientização das condições de vida dos educandos em seu cotidiano, comprometida com a formação para a cidadania e a construção de uma visão crítica nas esferas econômicas, políticas, sociais, culturais e ambientais.

Assim, fomentar a crítica é proporcionar uma visão da totalidade através de questionamentos das contradições no mundo capitalista, analisando o espaço que é o cenário em que se desenvolvem as relações geográficas e, por isso, uma das categorias centrais no ensino de Geografia.

O que converge com o disposto por Barbosa (2010, p. 32) que defende uma Geografia dialética e crítica: “não bastam os conteúdos, é fundamental relacioná-los à objetivação do mundo, a uma prática cotidiana encaminhada para a subtração dos problemas sociais, econômicos e ambientais”.

Nessa perspectiva de ensino, o papel do educador de Geografia, comprometido com o ensino crítico, é ser útil para a sociedade e ensinar a ler o espaço. Ser capaz de promover a reflexão sobre a prática social frente às questões e fatos do contexto mais próximo do educando e expandir o debate feito por Cavalcanti (2011, p.5) sobre “a multiescalaridade geográfica”, ou seja, sempre transitando das situações em nível local, regional, nacional e internacional, em uma articulação dialética, sem que uma escala se sobreponha a outra, instigando à reflexão para poder transformar a sociedade e esta, consciente, capaz de transformar o mundo mitigando as desigualdades.

DESAFIOS DA ATUAÇÃO DOCENTE NO ENSINO DE GEOGRAFIA

Considerando a importância da temática ambiental e a visão integrada do mundo, no tempo e no espaço, o ensino de Geografia deve oferecer meios efetivos para que os educandos compreendam os fenômenos naturais, as ações humanas e suas consequências para consigo, para os outros seres vivos e o meio ambiente.

Sendo assim, é fundamental que cada educando desenvolva as suas potencialidades e adote posturas e comportamentos sociais responsáveis, a fim de colaborar para a construção de uma sociedade justa. Cabe ao educador mediar o conhecimento e auxiliar o educando em seu percurso como indivíduo autônomo, que questiona e busca modificar o meio em que está inserido.

A Geografia escolar tem sido muito negligenciada em detrimento a outras disciplinas, contudo deve enfatizar o indivíduo que não consegue interpretar o espaço em que vive, não compreende as relações sociais que se desdobram nesse cenário e dificilmente saberá como transformá-lo. Para que o educando tenha uma visão crítica acerca da sua realidade, é importante que este saiba articular os conteúdos, o contexto e os métodos com o intuito de tornar a Geografia mais próxima das suas vivências, pois os livros didáticos não são analíticos, e cabe ao educador lapidar o olhar crítico dos educandos.

Cavalcanti (2010), em seu artigo “A Geografia e a realidade escolar contemporânea: Avanços, caminhos, alternativas” com abordagem voltada às preocupações e dificuldades testemunhadas por educadores da disciplina em sua prática, leva a compreender que as inquietações deles estão centradas em quais “estratégias” e “procedimentos” devem ser adotadas para ampliar a visão de mundo dos educandos, pois os principais questionamentos da prática docente são: O que fazer para os educandos se interessarem pelas aulas? Como garantir a autoridade em sala de aula? De que forma convencer os educandos da importância da Geografia para suas vidas?

A autora Cavalcanti (2011), salienta que esses desafios são complexos e não são suscetíveis de se resolverem com receitas prontas e quanto ao desafio dos educandos passarem a se interessar pelas aulas de Geografia, expõe que embora as questões espaciais estejam presentes no cotidiano de todas as pessoas e sejam de dimensões globais ou locais, muitas vezes os educandos encontram-se desestimulados pelos conteúdos da disciplina e para tanto a autora traz duas contribuições: a primeira sobre o papel do educador na motivação para a aprendizagem, com a realização da mediação didática e outra sobre ampliar as relações estabelecidas entre educadores e educandos, a fim de que não se restrinjam apenas à relação cognitiva e racional, mas adquiram uma postura profissional aberta ao diálogo, o que ressalta como ponto de fundamental importância para a aprendizagem dos educandos.

Vale salientar que os conceitos geográficos abordados em sala de aula devem partir das vivências dos educandos para que, assim, compreendam o entorno social da escola como parte integrante da lógica e da dinâmica da sociedade.

Contudo, os docentes sentem-se desamparados pelas condições de trabalho totalmente precarizadas e má remuneração, também, pelas políticas educacionais que cobram competências, resultados, a partir de parâmetros e padrões definidos nacionalmente que não levam em consideração as peculiaridades locais.

O trabalho do educador e do coletivo da escola vai além de avaliações externas, ele está ligado a um projeto de formação, a um projeto de sociedade, a um projeto de humanidade, portanto, todos devem assumir a responsabilidade pela aprendizagem dos educandos. Sabe-se que é necessária a busca por alternativas metodológicas diferenciadas dentro da sala de aula com o objetivo de um aprendizado mais significativo e um relacionamento mais dialógico com os educandos, entretanto, ainda predominam práticas tradicionais, além do cotidiano escolar limitar o espaço de formação profissional, não se tornando um ambiente de ensino crítico-reflexivo.

UMA BREVE CONSIDERAÇÃO SOBRE A PEDAGOGIA FREINETIANA

*“A educação é o completo desenvolvimento e construção,
e não o acúmulo de conhecimentos, adestramento e condicionamento.”*
(1ª diretriz - Declaração da Escola Moderna)

A contribuição que se propõe para o ensino de Geografia está longe de ser uma receita pronta, caracteriza-se como uma prática de ensino que se valeu da concepção didático-pedagógica de Célestin Freinet, a de “aulas-descoberta” ou “aulas-passeio”, por considerar que essa “técnica” facilita um maior engajamento dos educandos no processo de aprendizagem. No entanto, é importante pontuar o contexto histórico que levou o autor, o qual viveu entre 1896 a 1966, a desenvolver essa prática.

Freinet foi um dos primeiros teóricos da área da educação que buscou aliar a teoria à prática. Num tempo em que a educação era somente dentro de uma sala assistindo ao professor que estava sob um tablado (não apenas físico, mas moral) Célestin inovou. Retirou o pedestal do mestre e criou uma ligação entre professor e aluno jamais estabelecida. Cabe lembrar que a ordem sempre existiu, todavia nessa prática o aluno passou de mero espectador à ator principal. A criança deixou de ser passiva, apenas sendo receptora de “conhecimentos”, que muitas vezes sequer entendia a utilidade da informação para desvendar um mundo cercado de descobertas e aprendizagens. (COSTA, 2011, p. 95)

A pedagogia freinetiana baseia-se em quatro princípios básicos: a Cooperação, a Comunicação, a Educação pelo Trabalho e o Tateamento Experimental.

Quanto ao princípio da Cooperação, Freinet defendia que as relações estabelecidas na vida social deveriam advir do trabalho cooperativo, ou seja, ele destacava a importância da tomada de decisões em grupo, para tanto, cada indivíduo era responsável por exercer uma função e o trabalho de todos os membros era o que possibilitava a realização de um objetivo.

No que tange ao princípio da Comunicação, o autor sustentava a importância de uma constante troca de ideias entre educador e estudantes, retratada na primeira atividade do

dia, a “hora da conversa”. Assim, primava por uma educação não autoritária, favorecendo a livre expressão para participação ativa dos educandos, seja esta de forma oral em debates ou em produções textuais, ilustrações entre outras manifestações do pensamento.

Sobre o princípio da Educação pelo trabalho, Celestin evidenciava a importância do trabalho ao considerá-lo uma necessidade vital do ser humano, defendia uma escola do trabalho e para tanto era necessário mudanças na estruturação do trabalho pedagógico e na organização do espaço físico, criando e adequando espaços para as atividades manuais, norteado pelo pensamento de que anteriormente à realização do trabalho, acontece as etapas de constatação da realidade, da necessidade, do planejamento dos recursos materiais, do tempo e das ações necessárias. Ao realizar o trabalho, ao enxergar nos resultados todos os esforços, o homem se realiza e se realizando como homem, entende-se como responsável pelas transformações ocorridas. Na Pedagogia do Bom Senso expõe a relevância do trabalho como fundamento central do processo de humanização do homem: “É forjando que nos tornamos ferreiros” (1988, p.69), e conclui com a necessidade decorrente: “transformar tecnicamente a Escola da saliva e da explicação em inteligente e flexível canteiro de obras, eis a tarefa urgente dos educadores.”

Em relação ao Tateamento Experimental, Freinet valorizava a necessidade de se aprender com a prática social, ou seja, ele defendia a construção do pensamento por meio de situações reais da vida cotidiana. A aprendizagem era possibilitada com as vivências: a “aula de descobertas” ou “aula passeio” era o momento do abrir-se para o contexto. Perceptível na citação do excerto do texto mencionado “É Forjando que nos tornamos ferreiros”, Freinet apresentava uma característica marcante em seus escritos, o uso de metáforas. Utilizava questões relacionadas à natureza e ao cotidiano para trazer significado e sensibilizar o leitor para as mudanças necessárias na educação. Para ele, a Pedagogia do bom senso era a prática pedagógica inspirada no agir natural da vida e o natural para ele e suas crianças era o espaço mais próximo da sua aldeia.

Retomamos aqui alguns exemplos do pensamento da pedagogia freinetiana que nos sensibiliza para a reflexão acerca dos interesses dos educandos e sua motivação, da relação entre educador e educando, da atuação docente presente na obra Pedagogia do bom senso.

No seu texto “Fazer a criança sentir sede” Freinet nos alerta: “se o aluno não tem sede de conhecimentos, nem qualquer apetite pelo trabalho que você lhe apresenta, também será trabalho perdido “enfiar-lhe” nos ouvidos as demonstrações mais eloquente” (1988, p. 19). Nesse sentido, podemos compreender que a motivação e o interesse dos educandos surgem quando fica claro para eles a necessidade e o valor do conteúdo, e que sem a compreensão do significado daquele assunto para sua própria vida, todo o esforço pedagógico é em vão.

Sobre o relacionamento dos educadores com os educandos, no texto “Pão e Rosas”, Freinet, afirma: “as crianças têm necessidade de pão, do pão do corpo e do pão do espírito, mas necessitam ainda mais do seu olhar, da sua voz, do seu pensamento e da sua promessa” (1988, p. 81) assim, considera o afeto como parte essencial do cotidiano escolar.

Quanto a atuação docente, é possível dar destaque ao texto “Tratadores e educadores” cuja a passagem: “conserve nos seus alunos o apetite natural. Deixe-os escolher os alimentos no meio rico e propício que você lhes prepara. Então, você será um educador.” (1988, p. 39), a qual nos inspirou na realização da atividade de vivência compartilhada nesse artigo, uma aula passeio.

Assim, de acordo com as ideias desse renomado pesquisador e com a finalidade de fazer as crianças atingirem todo o seu potencial, foi aplicada a técnica da “aula-descoberta”, também denominada “aula-passeio” no ensino de Geografia, tendo como

público alvo educandos de uma escola pública do interior do estado de São Paulo, que frequentavam o sexto ano do ensino fundamental no ano de 2018.

A “AULA DAS DESCOBERTAS” DE FREINET APLICADA NO ENSINO DE GEOGRAFIA

O Currículo oficial do Estado de São Paulo do 6º ano, quarto bimestre, na disciplina de Geografia, vigente no ano de 2018, dedicou-se à abordagem das atividades econômicas, que produzem e transformam o espaço geográfico, e aos mecanismos que conectam os diferentes setores da economia (primário, secundário, terciário).

Com a introdução do tema “Circuitos de produção e de consumo” que caracterizam a economia moderna e que estão impressos nas paisagens do mundo, faz-se necessário desenvolver nos educandos competências e habilidades que os permitam compreender a diferença entre os setores da economia e as relações que se estabelecem entre eles.

Espera-se que os educandos sejam capazes de caracterizar nos processos de formação e organização do espaço geográfico formas espaciais, criadas pelas sociedades, que contemplem a dinâmica entre a cidade e o campo. Identifiquem alterações provocadas no mundo do trabalho a partir do advento de novas tecnologias e compreendam a importância do processo de industrialização para a caracterização do mundo contemporâneo, bem como as particularidades e dinâmicas dos fluxos de produção agropecuária.

Consoante à abordagem temática da disciplina de Geografia no quarto bimestre, foi proposto aos educandos do 6º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública do município de Bauru/SP, a visita técnica ao espaço Arvorar da empresa DURATEX FLORESTAL LTDA do município de Agudos/SP, utilizando a metodologia da “aula-descoberta” também denominada “aula-passeio” desenvolvida por Celestin Freinet.

A “aula-passeio”, entre as ‘técnicas’ propostas por Freinet, constitui o momento em que os sentidos se voltam ao lugar, buscam e registram os objetos, listam ou desenham os elementos que compõem a paisagem, ouvem e registram os sons, e os relatos, experimentam o cotidiano, voltam a atenção às diferentes manifestações dos indivíduos. (MAGNONI; FERREIRA DO VALE, 2012, p. 106)

Desta forma, com base na pedagogia Freinetiana, que explora a curiosidade, visa ensinar por meio da prática e proporcionar à criança o encontro com a Natureza, a vivência proposta teve por objetivo despertar o olhar atento dos educandos sobre os conceitos geográficos de paisagem e de lugar, a partir da matéria prima, a madeira, reconhecendo sua utilidade nas diferentes fases da história da humanidade em seu cotidiano, desde a pré-história, período em que esse recurso natural foi essencial à sobrevivência dos hominídeos, até os dias atuais, nos quais sua crescente utilização exige a tomada de uma nova postura que nos leve a reescrever a relação entre o homem e um dos mais antigos recursos por ele utilizado, contribuindo para o desenvolvimento da consciência socioambiental.

Compreende-se, aqui, como Consciência Socioambiental o entendimento da dinâmica da espacialidade contemporânea, como também as relações econômicas, políticas, sociais e ambientais nela existente e o compromisso de transformação. Considera-se que ao desenvolverem a consciência socioambiental, os educandos tornem-se cidadãos capazes de gerar menor impacto ambiental.

Nesse sentido, o tema transversal Meio Ambiente foi desenvolvido nas aulas de Geografia, mediante a concepção de Educação Ambiental de Reigota (2009), a qual aborda a questão ambiental por meio de uma perspectiva política, que está diretamente relacionada à ampliação da cidadania.

“a educação ambiental como educação política está basicamente empenhada na construção e no diálogo de conhecimentos, na desconstrução de representações ingênuas e preconceituosas, na mudança de mentalidade, de comportamentos e de valores e na participação e intervenção cidadã.” (REIGOTA, 2009, p. 71)

Diante do exposto, buscou-se associar a Pedagogia Freinet à questão ambiental e à documentação oficial do Currículo do Estado de São Paulo vigente no ano de 2018.

O local selecionado para a “aula das descobertas” foi o Espaço Arvorar. Situado na Fazenda Monte Alegre, de propriedade de DURATEX FLORESTAL LTDA, localizada no município de Agudos/SP, inaugurado em Outubro de 2017. É um ambiente que apresenta a história da madeira e oferece interatividade entre o visitante e os objetos expostos, estimulando assim os sentidos, como o olhar, o tato, a audição e a fala.

Para conhecer o local foi feito um agendamento pelo site <https://www.duratex.com.br/espaco-arvorar/agende-sua-visita>, o educador responsável pelas turmas recebeu dois documentos, o primeiro foi: as normas de segurança, as quais foram explicadas aos educandos antes da saída planejada. O segundo foi: o Termo de responsabilidade que foi preenchido com o nome dos educandos presentes na visitação. Também foi possível fazer uma visita virtual ao Espaço Arvorar por meio do link <https://www.duratex.com.br/espaco-arvorar/o-espaco>, o que contribuiu para o planejamento dos educadores nas ações propostas e na articulação com os conteúdos do bimestre.

Durante a “aula-descoberta” proposta no Espaço Arvorar, buscou-se dar visibilidade às relações do capital produtivo com os recursos naturais, ou seja, houve a preocupação em proporcionar aos educandos a visão mais ampla do sistema econômico de produção, o qual mostrou que o produtor também tem o compromisso de fazer a sua parte para evitar a degradação ambiental.

Assim, no itinerário da visita, a primeira parada foi em um auditório, onde o funcionário da empresa DURATEX FLORESTAL LTDA exibiu o vídeo institucional e explanou sobre as preocupações e os cuidados ambientais na plantação de eucalipto. Os educandos puderam dialogar sobre a introdução da eucaliptocultura no Brasil, sobretudo o cultivo na região e a adaptação da floresta plantada fora de seu país de origem.

Os alunos visualizaram um breve vídeo com o funcionamento das máquinas de colheita do eucalipto e, de forma geral, demonstraram surpresa com o processo de colheita mecanizada. Fizeram comentários compartilhando como imaginavam esse sistema.

Outras temáticas que despertaram a curiosidade dos alunos foram: o uso da Biomassa para geração da energia consumida pela empresa e a utilização de adubo orgânico produzido também pela empresa, portanto, questionaram como esse era feito. Foi esclarecido a eles que o adubo orgânico era gerado pela mistura das cinzas da queima de biomassa com o lodo resultante do tratamento de efluentes.

Na Figura 1, os alunos observaram paisagens de áreas degradadas, nas quais o mau uso do solo acarretou na destruição do potencial produtivo da área. Assim, discutiram sobre a importância do manejo adequado dos solos na produção agrícola.



Fonte: Susana Marilu Mainini Sakamoto, 2018

Figura 1. Apresentação institucional e a preocupação com a conservação do solo

A Figura 2 retrata a atenção dos alunos voltada às explicações sobre a importância da conservação do solo. Foi utilizado um simulador de erosão elaborado a partir das instruções da Embrapa. Os alunos puderam utilizar um regador para representar a chuva sobre dois recipientes. De um lado visualizaram o processo de erosão em solo exposto e a perda dos nutrientes, enquanto no outro, com a presença da vegetação, observaram a conservação das propriedades do solo em área.



Fonte: Susana Marilu Mainini Sakamoto, 2018

Figura 2. Experimentação - processo de erosão do solo

Após a sensibilização inicial e esclarecidos sobre a atuação da Empresa contidos no vídeo institucional, os alunos seguiram para o Espaço Arvorar, um museu interativo. Tiveram a oportunidade de refletir sobre o uso da madeira nos diferentes estágios da evolução da sociedade, quanto ao seu desenvolvimento científico e tecnológico, como mostra a Figura 3. Foi um momento em que os educandos observaram, leram e interagiram com as informações, descobrindo e relacionando dados, aguçando a curiosidade e construindo o próprio conhecimento.



Fonte: Susana Marilu Mainini Sakamoto, 2018

Figura 3. Dependências do Espaço Arvorar – Duratex: Sala com linha do tempo interativa

As salas interativas, com painéis amplos contendo belíssimas ilustrações, encantaram os alunos. A presença de um mapa com imagens da biodiversidade de cinco florestas do mundo que possibilitava sua visualização individual como se estivesse naquele ambiente, surpreendeu os alunos que quiseram observar os cinco exemplos, momentos registrados nas Figuras 4 e 5.



Fonte: Susana Marilu Mainini Sakamoto, 2018

Figuras 4 e 5. Dependências do Espaço Arvorar – Duratex: Mapa |Mundi interativo; experimentação: educandos utilizando o dispositivo que permite observar paisagens de diferentes florestas do mundo

O Espaço Arvorar conta, ainda, com outros conteúdos como: a madeira usada na fabricação dos instrumentos musicais; o uso da madeira pelas indústrias no Brasil, entre elas, a farmacêutica, a química, a alimentícia, a moveleira e a da construção civil; as manifestações artísticas utilizando a madeira, como a escultura, além de painéis com dados estatísticos das florestas plantadas no Brasil. Tiveram a oportunidade de estudar, também nesse local, uma maquete de um modelo de floresta plantada.

Na terceira etapa da visita, proposta na “aula-descoberta”, os estudantes realizaram uma trilha pela fazenda Monte Alegre e tiveram contato com os contrastes da floresta nativa e da floresta plantada pela empresa. Surgiram questionamentos acerca da manutenção das florestas nativas e da expansão das plantações.



Fonte: Susana Marilu Mainini Sakamoto, 2018

Figura 6. Trilha ecológica. Contrastes entre a floresta nativa e cultivo de eucalipto

Por meio da aula passeio os educandos conseguiram compreender que a partir do momento em que o ser humano intervém em um processo natural, a natureza passa a ser socializada. Sendo possível compreender, *in loco*, o que dispõe Moreira, 2010:

A natureza apresenta-se aos nossos olhos sob distintas formas, mas simplificam-se estas formas em duas: a primeira natureza (a natureza natural) e a segunda natureza (a natureza socializada). No plano abstrato de que estamos falando, o processo do trabalho passa-se como sendo a transformação da primeira natureza em segunda, isto é, sua socialização. O que é forma natural neste momento, logo adiante é transmutada em uma forma social. A natureza, prenhe de trabalho, historiciza-se, vira parte da história dos homens. Todavia, a primeira natureza transforma-se em segunda, mas não desaparece: a segunda segue sendo a primeira, sob outra forma. (MOREIRA, 2010, p. 36)

Como consequência dessa análise, há uma superação dos conceitos pragmáticos que provocam a alienação e não desenvolvem o imaginário, para compreender as nuances dialéticas que se desenrolam em nosso dia a dia.

Após a visita ao Espaço Arvorar foram realizadas algumas atividades em grupo, nas aulas de Geografia, o texto coletivo foi uma delas. Para tanto, valeu-se dos quatro princípios básicos da Pedagogia Freinetiana: a Cooperação, a Comunicação, a Educação do Trabalho e o Tateamento Experimental bem como do contexto proposto por Libâneo (2004) na atuação docente, no qual o educador passa a ter o papel de mediador:

O professor medeia a relação ativa do aluno com a matéria, inclusive com os conteúdos próprios de sua disciplina, mas considerando os conhecimentos, a experiência e os significados que os alunos trazem à sala de aula, seu potencial cognitivo, suas capacidades e interesses, seus procedimentos de pensar, seu modo de trabalhar.” (LIBÂNEO, 2004, p. 29)

Diante do exposto, o trabalho colaborativo possibilitou que os discentes atuassem por meio do diálogo e articulassem seus conhecimentos prévios com os sistematizados na “aula das descobertas”. Em grupos, levantaram as problematizações das relações sociedade – natureza tanto no âmbito do sistema produtivo quanto do consumo individual e coletivo. A atividade estimulou indagações, argumentos e contra-argumentos, havendo estímulo do desenvolvimento do pensar criticamente e da competência escritora.

Ao final da produção do texto colaborativo, houve a apresentação dos grupos. Através dessa troca de experiências e aprendizagem, foi possível observar o quanto as crianças aprenderam e participaram da vivência proposta.

Desse modo, coube ao educador contextualizar, problematizar e instrumentalizar o saber, tendo como objetivo aproximar a vivência do educando, a fim de proporcioná-los uma visão de mundo mais significativa. É importante ressaltar que todas as etapas da construção do saber foram expostas aos educandos, para que estes pudessem compreender o processo e a concepção de sua aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Ensino de Geografia comprometido com uma visão crítica de mundo pode contribuir para o progresso do desenvolvimento social, resgatando valores como a solidariedade e a coletividade. Desenvolver o pensamento crítico a partir da contextualização, ou seja, relacionar os conceitos com o cotidiano para compreender o espaço, contribui para o desenvolvimento da consciência do mundo, consciência de classe e consciência de coletividade.

Nesse sentido, a Geografia escolar tem o desafio de estimular a educação ambiental no seu sentido político com a formação cidadã dos educandos, para provocar a mudança de comportamento, atitudes em defesa do meio ambiente e assim despertar a consciência crítica sobre as ações humanas e a exploração dos recursos naturais ao longo da história.

A visita ao Espaço ARVORAR, situada na Fazenda Monte Alegre, de propriedade de DURATEX FLORESTAL LTDA, no município de Agudos/SP proporcionou uma experiência muito significativa aos educandos, os quais tiveram a oportunidade de aprender, de forma interativa, sobre as ações humanas ao longo da história e a exploração da madeira. Propiciou uma visão ampla sobre a cadeia produtiva de chapas de fibra de madeira, bem como as práticas sustentáveis utilizadas pela empresa para o uso dos recursos naturais.

A prática de ensino fundamentada na “aula de descobertas” promoveu o desenvolvimento do protagonismo juvenil, pois os educandos construíram seu próprio conhecimento durante as vivências e realizaram a difusão destes na unidade escolar para os demais colegas, bem como para suas famílias.

Após a vivência, o tema transversal Meio Ambiente pôde ser trabalhado na escola de forma interdisciplinar, nas aulas de Geografia, Ciências, História e Língua Portuguesa com diversas atividades que desenvolveram habilidades voltadas tanto para a comunicação oral quanto para escrita. Também foi possível, nas aulas de Geografia, ampliar as capacidades de organização espacial com produção cartográfica de croqui do percurso escola-empresa.

Os educandos, relataram de forma unânime que gostariam de mais “aulas-passeio”, aprenderam muito mais do que na sala de aula ou em pesquisas utilizando a internet, também sentiram-se motivados e tiveram uma maior integração com a família, relatando a experiência proporcionada pela escola e afirmaram que compreenderam a aplicabilidade dos conhecimentos construídos na disciplina de Geografia.

Cabe salientar, que o transporte dos educandos até o local de estudo não é garantido pela escola pública e o valor desse precisou ser arrecadado. O que parecia ser uma tarefa simples foi na verdade mais um desafio na prática docente, pois algumas famílias se demonstraram receosas pelo trajeto envolver uma rodovia, outras apontaram a condição financeira e o desemprego como fatores que poderiam prejudicar a participação do educando.

Assim, para garantir a equidade no desenvolvimento da atividade proposta foi necessária uma atuação conjunta entre equipe gestora da unidade escolar, educadores e famílias que por meio de diálogo e de contribuições financeiras, garantiram a participação da totalidade dos educandos matriculados no 6º ano da unidade escolar nessa vivência extraclasse.

Diante do exposto, conclui-se que a técnica da “aula-descoberta” ou “aula-passeio”, aplicada com os educandos do 6º ano do Ensino Fundamental, articulada ao conteúdo do 4º bimestre, proporcionou uma gama de conhecimentos experimentais e uma aprendizagem significativa aos educandos envolvidos no projeto, bem como contribuiu para o desenvolvimento de potencialidades de cidadania ambiental e para a compreensão da cadeia produtiva de chapas de fibra de madeira e sua utilização pela sociedade. Também, ampliou a capacidade argumentativa dos educandos que passaram a estabelecer melhor as relações de causa e consequência nas modificações da paisagem, consoante à análise das mudanças nas interações da ação humana com a natureza, a partir do surgimento das cidades e consumo da sociedade.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Tulio. Ensino de geografia: novos e velhos desafios. **Caderno Prudentino de Geografia**. v. 1, n. 32, p. 23-40, jan/jun.2010.

BARBOSA, Tulio. Contribuições marxistas para pensarmos o ensino de geografia. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**. v. 1, n. 2, p. 52-73, 2011.

CAVALCANTI, Lana de Souza. A Geografia e a realidade escolar contemporânea: avanços, caminhos, alternativas. In: SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO: PERSPECTIVAS ATUAIS. 1., 2010, Belo Horizonte. **Anais [...]**. Belo Horizonte, 2010.

CAVALCANTI, Lana de Souza. O LUGAR COMO ESPACIALIDADE NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA: breves considerações sobre práticas curriculares. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**. v. 1, n. 2, p. 01-18, 2011

COSTA, Marianna da Cunha Canova. **Freinet**: suas contribuições ao processo de

sensibilização ambiental, em especial a “Aula das Descobertas”. 101 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2011.

FREINET, Célestin. **Pedagogia do bom senso**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora?:** novas exigências educacionais e profissão docente. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2004. Coleção questões da nossa época, v. 67.

MAGNONI, Maria da Graça Mello.; FERREIRA DO VALE, José Misael. Ensino de Geografia, desafios e sugestões para a prática educativa escolar. **Ciência Geográfica**, v. 16, p. 102-110, 2012.

MOREIRA, Ruy. **O que é Geografia nova versão reescrita e atualizada**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2010. v.1. 94 p.

REIGOTA, Marcos. **O que é educação ambiental**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2009. Coleção primeiros passos.